

Como nasceu O TEMPO E O MODOO que se pretendeu fazer

Como todos sabem, O TEMPO E O MODO começou a publicar-se em Janeiro de 1963, sob a direcção de António Alçada Baptista e é propriedade da Livraria Morais Editora, de que Alçada Baptista é o sócio principal. Desde que este (em 1958) assumiu a orientação da referida casa editorial, tem ela (até aí predominantemente voltada para as edições de livros jurídicos) procurado informar e formar o público católico português num sentido de actualização progressiva, que o ponha a par com as correntes dinamizadoras e renovadoras do pensamento cristão contemporâneo. Assim, a Livraria Morais foi a primeira a publicar em português autores da importância e significado de Teilhard de Chardin, de Emmanuel Mounier, de Simone Weil, de Jean Lacroix, etc.. Simultaneamente, divulgava, traduzindo, Romano Guardini, Yves Congar, Jacques Maritain, Chesterton, Charles de Foucauld, René Voillaume, Lebret, Nédoncelle, Hans Küng, F. Perroux, Von Balthasar, Chenu, etc., bem como editava e publicava alguns dos nomes mais representativos do pensamento e das letras portuguesas contemporâneas.

A revista O TEMPO E O MODO inseriu-se nesta linha de actuação, ou seja, procurou e procura ser um Modo de realizar no Tempo português essa abertura para um Cristianismo mais vivo, mais presente e mais ecuménico. Daí, o ter pretendido ser uma revista de diálogo, mais propriamente, de diálogo entre crentes e não-crentes, separados em Portugal por barreiras de raiz histórica que na actual conjuntura política do país mais ainda se accentuaram. Para que o diálogo fosse possível, útil e autêntico, a revista, embora dirigida por um católico, propriedade de uma editora católica e com vários colaboradores católicos, definiu-se, desde a primeira hora, como revista não-confessional, "mesa redonda" em que os cristãos e os que o não são se sentam para examinar, em total liberdade e no respeito mútuo, tendo apenas como denominador comum uma perspectiva de progresso, os problemas que afligem a sociedade nacional. Revista de pensamento, já que se pretende ponto de partida para uma reflexão independente e seria acerca das grandes questões com que o homem do século XX se debate, é também revista de acção, na medida em que procura levar os que assim informa a uma tomada de consciência que lhes permita desempenhar um lugar importante na construção de um Por-



tugal mais livre, mais justo e mais digno. O TEMPO E O MODO é também, e por definição, uma revista aberta: aberta a todos aqueles que em inquietação e esperança se debruçam sobre a realidade e o povo português.

Desde o primeiro número que O TEMPO E O MODO afirma lutar contra "a desordem estabelecida" e desde o primeiro número que se bateu por uma concepção libertadora e progressiva da Pessoa Humana e da História. Para resumir o que a revista tem querido ser, foi e é possível falar de humanismo interventor, experiência de democracia, personalismo e comunitarismo. Não se faltará à verdade se se disser que na busca deste humanismo personalista, O TEMPO E O MODO tem procurado ser fiel às grandes directrizes e à inspiração dominante de Emmanuel Mounier, há mais de um quarto de século prosseguida em França pela Revista "Esprit".

Contudo, O TEMPO E O MODO apresenta em relação a "Esprit" diferenças que é útil salientar. Revista de diálogo de crentes e não-crentes não partiu ela, como a sua congénere francesa, de um pensamento determinado, comum a todos os colaboradores. O TEMPO E O MODO não é uma revista doutrinária. Isto, porque pareceu mais fecundo e dialogante, atento o condicionalismo que sobre os portugueses pesa, não definir a revista por uma doutrina mas por uma atitude, não por um modo de ser, mas por um modo de estar. Assim, se é verdade que são personalistas muitos dos colaboradores de O TEMPO E O MODO, não o é menos que muitos outros não estão ligados a essa corrente de pensamento. O que nos une é, antes, uma inquietação, um inconformismo, uma vontade de seriedade e uma vontade de esperança. O diálogo não se processa apenas com o público, processa-se também dentro da própria revista, na diversidade de posições que espelha e conjuga na atitude interrogante e interrogativa que é essencialmente a sua. Pode esse ponto de união apresentar-se como demasiado frágil, mas os testemunhos e as adesões que em volta de O TEMPO E O MODO se têm reunido demonstram que ele tem sido a sua força e a crescem a convicção dos responsáveis de que era o único possível num país bloqueado como é Portugal. Habitado ao monólogo, o público tem sido sensível ao esforço que se tem feito para aceitar o interlocutor e o diálogo, para impedir que todos e cada um se encerrem em posições estanques e fixas, por mais justas que sejam ou possam ser.



Como viveu O TEMPO E O MODO (I)O que se fez

O TEMPO E O MODO publicou, cinquenta e seis números, cerca de 6.000 páginas, reunindo aproximadamente trezentos colaboradores que testemunham a diversidade e a atitude citadas. Não há exagero ou inodéstia em afirmar que entre eles se contam os nomes de maior relevo da intelectualidade portuguesa: basta pensar em escritores como José Régio, Jorge de Sena, José Gomes Ferreira, José Cardoso Pires, Agustina Bessa Luís, José Rodrigues Miguéis, Sophia de Mello Breyner Andreson, Eugénio de Andrade, Fernando Namora, Mário Dionísio, José Blanc de Portugal, Augusto Abelaira, Vergílio Ferreira, Adolfo-Casais Monteiro, Raúl de Carvalho, António Ramos Rosa, Sttau Monteiro, António Pedro, Bernardo Santareno, Luís Francisco Rebello, etc., em ensaístas como Eduardo Lourenço, Palla e Carmo, Joel Serrão, Gaspar Simões, Magalhães Godinho, José Augusto França, João de Freitas Branco, Egídio Namorado, Lindley Cintra, Jacinto do Prado Coelho, Delfim Santos, Paulo Quintela, Vítor Matos e Sá, João dos Santos, Armando de Castro, A. H. de Oliveira Marques, Jorge Dias, Augusto Saraiva, Rui Grácio, Óscar Lopes, Eugénio Castro Caldas, José Marinho, Adérito Sedas Nunes, Alberto Ferreira, Barahona Fernandes, Orlando Ribeiro, Jacinto Baptista, para, sem falar de muitos outros nomes, e sobretudo das camadas mais jovens, se ter uma ideia dessa variedade e competência. Igualmente colaboram connosco nomes estrangeiros do maior relevo como D. Helder Câmara, Murilo Mendes, Edgar Morin, Pierre Emmanuel, Laurent Schwartz, Jean Marie Domenach, Julian Marias, Aranguren, Vicente Aleixandre, Leo Alting von Geusau, etc.

Editámos quatro números especiais dedicados ao problema do "engagement" do artista na sociedade contemporânea, à problemática europeia entre as duas guerras mundiais, à Espanha e à crítica, o de Espanha inteiramente elaborado no país vizinho e com a colaboração de alguns dos seus mais prestigiosos pensadores. Em números temáticos foram focadas: as sociedades de abundância; os mitos; o problema da fome no mundo; a situação da América Latina; o sub-desenvolvimento económico; o progresso técnico; a personalidade e a obra de John Kennedy; a atitude do cristão face ao mundo contemporâneo; os centenários de Shakespeare e Gil Vicente; o Urbanismo; o Século XIX; Teilhard de Chardin; as Ciências Sociais; as novas estruturas da Igreja, etc. Secções de actualidade (Noticiário e Críticas) tentam acompanhar em idêntica perspectiva de diálogo e abertura, a evolução do mundo e da cultura modernas.



Foi este esforço que a revista "Books abroad" da Universidade de Oklahoma (E.U.A.) premiou, ao classificar O TEMPO E O MODO como "a melhor revista portuguesa", foi este esforço que mereceu à Rádio Italiana este comentário que nos é grato registrar: "Na nossa opinião (...) O TEMPO E O MODO já se coloca entre as melhores e mais dinâmicas revistas europeias, entre as poucas que contam, representando ainda, no panorama cultural português o ponto de encontro das mais genuínas energias intelectuais, delas sendo indispensável veículo e agente."

Por sua vez, o conhecido crítico brasileiro Otto Maria Carpeaux fala dum "tarifa gigantesca".

### III

#### Como viveu O TEMPO E O MODO (II)

##### O que custou a fazer

Se nos pareceu importante recordar tudo isto, não foi meramente para nosso comprazimento. Cremos, contudo, que O TEMPO E O MODO é uma realidade importante e que importa tomá-la em linha de conta quando se tenta decidir de rumos futuros e diferentes. As razões que nos levam a pensar nestes têm directamente que ver com o que se tem feito e o que se tem feito - convém acтуá-lo agora - não tem sido fácil, nem facilitado. Para lá de todas as naturais dificuldades de que um empreendimento deste género se reveste, outras têm havido que se não podem considerar tão naturalmente e que de forma muito grave sobre nós pesam.

Coloque-se em primeiro lugar, o regime de censura a que estamos sujeitos. Como qualquer outra publicação periódica portuguesa, cada número de O TEMPO E O MODO é submetido a censura prévia. Nenhuma linha se publica na revista que não seja visada. Exerce-se essa censura, não sobre os originais que nos são entregues, mas sobre as provas tipográficas, cada corte acarretando, por isso, consideráveis despesas. Esses cortes podem visar o total do artigo, parte dele, ou até algumas palavras. Na curta história de O TEMPO E O MODO foi-nos cortado material que abrange cerca de 700 páginas, ou seja o equivalente a sete números da Revista! Se se atender a que só é enviada matéria "passável", ou seja sobre a qual se exerceu já uma auto-censura, ter-se-á uma ideia do que tal significa como distorção, obscurecimento ou forçado silêncio. Para já não falarmos nos prejuízos materiais com este aspecto relacionados, que andam à roda de



70.000\$00!

Se a luta com a censura tem sido árdua, ela não é, contudo, a única forma de pressão ou opressão a que temos estado submetidos. Campanhas mais ou menos insidiosas e violentas que vão até ao pedido de proibição da revista, têm sido desenvolvidas por organismos e publicações da direita e extrema direita. A estas dificuldades, que nos são extrínsecas, outras se acrescentam e de que convém dar conta.

O TEMPO E O MODO tirava a 1 de Setembro 2.000 exemplares para 1.374 assinantes assim distribuídos:

|              |            |
|--------------|------------|
| Continente:  | 1.155      |
| Ultramar:    | 119        |
| Estrangeiro: | <u>100</u> |
|              | 1.374      |

O total das nossas receitas anuais era de Escudos 235.000\$00 e provinha das seguintes fontes de receita:

|  |                   |
|--|-------------------|
| Assinaturas (a 120\$00 ou 100\$00 anuais conforme é tarifa normal ou de estudante) | Esc. 150.000\$00  |
| Vendas avulso (15\$00 cada)  | 20.000\$00        |
| Publicidade  | <u>65.000\$00</u> |
|  | 235.000\$00       |

Por outro lado, a nossa despesa anual que perfazia Esc. 357.000\$00 discrimina-se do seguinte modo:

|   |                    |
|---|--------------------|
| Tipografia (cada número custa em média 13.000\$00)                        | 143.000\$00        |
| Colaboração (cerca de 4.000\$00 por número)                               | 44.000\$00         |
| Encargos com financiamentos   | 12.000\$00         |
| Artigos de escritório, água, luz, renda, correio, etc.                    | 48.000\$00         |
| Ordenados do chefe de redacção e do pessoal de administração e secretaria | <u>110.000\$00</u> |
| TOTAL   | 357.000\$00        |

Havia, pois, um déficit de Esc. 122.000\$00, suportado pela Livraria Morais.

Esta, a situação nua e crua, tal como a expusémos por essa altura aos nossos assinantes.

De então para cá, graças ao apoio entusiástico de alguns amigos e a um esforço intenso da administração, o pa-

norama modificou-se substancialmente e as perspectivas são hoje muito melhores. Assim o número de assinantes tem aumentado a ritmo animador: em quatro meses passou-se de 1.374 para 1.504, o que significa um aumento de cerca de 10%; o preço das assinaturas subiu de 120\$00 para 150\$00 e vários assinantes escolheram a modalidade de assinatura de apoio; gráficamente a revista renovou-se: capa a cores, paginação consideravelmente aligeirada, redução do número de páginas (96 p. os números simples, 160 para os números duplos); finalmente, e muito importante conseguiu-se que nos garantissem a colocação de algumas centenas de exemplares no Brasil, o que só foi possível graças ao sucesso obtido pelo nosso caderno "O Tempo e o Modo do Brasil", nesse país.

Eis, após estas medidas, a situação actual:

#### R E C E I T A S

|   |                    |
|---|--------------------|
| Assinaturas ( a 150\$00 e 120\$00 conforme a tarifa é normal ou de estudante) | Esc. 202.000\$00   |
| Vendas avulso   | 75.000\$00         |
| Publicidade   | 65.000\$00         |
| TOTAL   | <u>342.000\$00</u> |

#### D E S P E S A S

|  |                    |
|--|--------------------|
| Tipografia   | 100.000\$00        |
| Papel  | 28.000\$00         |
| Colaboração (cerca de 3.500 por n/ simples e de 5.500 n/duplo) | 34.500\$00         |
| Encargos com financiamentos                                    | 12.000\$00         |
| Artigos de escritório, água, luz, renda, correio, etc.         | 48.000\$00         |
| Ordenados  | <u>124.300\$00</u> |
| TOTAL  | 346.800\$00        |

Conseguiu-se pois uma redução no déficit de 122.000\$ para 4.800\$00 anuais.

Esta situação permite-nos considerar agora a constituição da projectada sociedade anónima O Tempo e o Modo a qual, se não herda uma situação brilhante, herda, pelo menos, uma situação equilibrada.

A solução da sociedade anónima corresponde, por um lado, à impossibilidade do actual proprietário da Revista-a Livraria Morais Editora-de suportar por mais tempo os encargos resultantes da existência da Revista; por outro à possi



bilidade que ela daria às pessoas para quem a linha d'O TEMPO E O MODO realmente interessa de participarem real e activamente na sua orientação, tornando a Revista cada vez mais uma obra comum.

O TEMPO E O MODO - e julgamos que tudo o que atrás ficou dito claramente o demonstra - é uma realidade importante e um dos poucos instrumentos de que a oposição dispõe neste país. No momento em que o seu proprietário declara não mais o poder sustentar, parece-nos que seria criminoso deixá-lo morrer, ou deixá-lo cair em mãos que dele se servissem para fins que não seriam os que a Revista tem buscado. Assim julgamos que alguma responsabilidade cabe neste momento aos vários sectores para que apolamos. Só a sua participação na Sociedade Anónima O Tempo e o Modo, pode salvar a Revista e o que ela significou e significa.

Porque acreditamos que compreende e sente como nós este problema, pedimos-lhe que preencha o boletim anexo ao projecto de estatutos, que junto enviamos, agradecendo desde já a sua presença numa reunião, com alguns dos subscritores que, dentro da perspectiva acima indicada, mais nos poderão apoiar, a qual se realizará no dia 15 de Março, 6ª feira, às 21.30 na sede da Revista.

O TEMPO E O MODO